



EDITORIAL

POR: PE. NORBERTO BRUM,
Director Diocesano da Pastoral Juvenil

Se o Monte foi de Ascensão, a planície é de missão, um ser e agir que prolongue no aqui, agora e já, os mesmos gestos e palavras do Mestre que, não estando, está, que, partindo, permanece.

O Monte foi, e é, de partida: da do Mestre para o Céu e da dos discípulos para a terra e se contemplação existe é para confirmar que a ocasião é de descida, de encarnação e impregnação da vida e do projecto de Jesus na diversidade das humanas realidades.

O verdadeiro “mestre” é aquele que é capaz de, depois de ter anunciado, ensinado, formado e estabelecido a obra sabe “desaparecer” para que sejam os discípulos a assumir o “mestrado”.

Se um “vinde” foi vivenciado, um “ide” foi proclamado e, se a contemplação não leva à acção corremos o sério risco de um encandamento gerador de verdadeiras cegueiras: a “luz” contemplada só será mais luz se partilhada!

Há quem prefira permanecer na Montanha ao invés da ousadia de descida. O comodismo e o sedentarismo a que muitas vezes nos votamos tem-nos levado à vivência de uma passividade inoperante, paralisadora, que atrofia mentes, formas de ser e de estar, que evitam o sã confronto de realidades, gerando um discípulado inodor, incolor e insípido, e o pior é quando se deixa enlodar e turvar aquela água que deveria ser geradora de vida.

É preciso deixar de olhar para o Céu, tentando atingir “visões” que, por mais beatíficas que sejam, não surgem, nem acontecem, e olhar para o mundo.

Não deixando de ser contemplativos de um Céu feito Palavra, a hora e o tempo é de descida. Se “a subir apenas é um e ainda coxo”, “a descer todos os santos ajudam” e, se dúvidas houvesse, o Mestre garante que estará sempre, mas sempre presente, e até ao fim dos tempos!

Tudo o que o Pai havia confiado ao Filho como obra a realizar foi concretizado: Jesus não tem mais nada que fazer cá pela terra, os discípulos, esses sim, têm, e muito que fazer, pois a obra está inacabada e a missão não tem prazo de execução e só não faz, só não trabalha, só fica no banco e se sente suplente, quem, em abono da verdade, não quer mesmo!

Jesus envia: “ide”! É imperativo! E nós, tantas e teimosas vezes preferimos o “vinde”: e toca o sino para irmos à missa, e agenda-se a reunião para participarem, e vinde e aprendei, vinde e escutai, vinde e participai, vinde à reunião, ao encontro à assembleia, vinde e vinde e, com tanto “vinde”, tantos agendamentos, publicidades e demais divulgações, cada vez são mais os que não vêm... e nós, sempre instalados tocando na mesma e velha tecla! Valha-nos “santa criatividade”! Valha-nos “santa inspiração”. A máquina há muito que já trabalha assim, com este ritmo e andamento e, mesmo que desgastada, enferrujada e com níveis de produção cada vez mais baixos, preferimos ir a oleando e dando-lhe manivela ao invés de adquirimos nova maquinaria, adequada à “produção” que hoje nos é exigida! Se nos custa descer do Monte, mais nos custa percorrermos e trilharmos outros e novos caminhos.

Fala-se tanto de “saída”, “saída missionária” mas poucos se querem meter ao frio e à chuva, poucos querem suar a camisola, poucos querem sair de “casa” e, pior que não saber como sair é não querer mesmo sair: estamos tão bem assim!

Estávamos!

afetos

Pastoral Juvenil • Diocese de Angra

PALAVRA COM VIDA

SOLENIIDADE DA ASCENSÃO DO SENHOR

– Ano A

1ª Leitura

Atos dos Apóstolos 1,1-11
«Elevou-Se à vista deles»

2ª Leitura

Efésios 1,17-23
«Colocou-O à sua direita nos Céus»

Evangelho

São Mateus 28,16-20
«Todo o poder Me foi dado no Céu e na terra»

A Solenidade da Ascensão de Jesus, que celebramos neste Domingo, sugere-nos que, no final do caminho percorrido no amor e na doação, está a vida definitiva, a comunhão com Deus. Também nos sugere que Jesus nos deixou o testemunho e que somos nós, seus seguidores, que devemos continuar a realizar o projecto libertador de Deus para os homens e para o mundo.

No Evangelho é-nos apresentado o encontro final de Jesus ressuscitado com os seus discípulos, num monte da Galileia. A comunidade dos discípulos, reunida à volta de Jesus ressuscitado, reconhece-O como o seu Senhor, adora-O e rece-



be d'Ele a missão de continuar no mundo o testemunho do “Reino”. É um tremendo desafio testemunhar, hoje, no mundo os valores do “Reino”, esses valores que, muitas vezes, estão em contradição com aquilo que o mundo defende e que o mundo considera serem as prioridades da vida. O confronto com o mundo gera muitas vezes, nos discípulos, desilusão, sofrimento, frustração;

Nos momentos de decepção e de desilusão convém recordar as palavras de Jesus: “Eu estarei convosco até ao fim dos tempos”. Esta certeza deve alimentar a coragem com que testemunhamos aquilo em que acreditamos.

Na primeira leitura, repete-se a mensagem essencial desta solenidade: Jesus, depois de ter apresentado ao mundo o projecto do Pai, entrou na vida definitiva da comunhão com Deus - a mesma vida que espera todos os que percorrem o mesmo “caminho” que Jesus percorreu. Quanto aos discípulos: eles não podem ficar a olhar para o céu, numa passividade alienante; mas têm de ir para o meio dos homens, continuar o projecto de Jesus.

A segunda leitura convida-nos a termos consciência da esperança a que fomos chamados, a vida plena de comunhão com Deus. Devemos caminhar ao encontro dessa “esperança” de mãos dadas com os irmãos - membros do mesmo “corpo” - e em comunhão com Cristo, a “cabeça” desse “corpo”. Cristo reside no seu “corpo” que é a Igreja; e é nela que Se torna, hoje, presente no meio dos homens.

SABIAS QUE...



... termina, hoje, 24 de Maio, a semana Laudato si? Tendo tido o seu início no passado dia 16 de Maio, esta é uma iniciativa que faz parte de uma campanha global que decorre da celebração do quinto aniversário da Encíclica do Papa Francisco Laudati si' que abordou as questões relativas ao cuidado com a nossa casa comum, o nosso planeta Terra.

Assim, durante este período, os católicos foram convidados a participar, entre outras actividades, em seminários de formação online, interactivos e colaborativos.

Sob o tema “Tudo está conectado”, esta semana ter-

mina com um Dia de Oração Mundial sendo que, em cada país e no seu horário local, somos desafiados, às 12h00 a participar num momento de oração partilhado por todos os católicos, podendo-se consultar no site laudatosiweek.org a proposta de oração que é deixada pela organização deste evento.

A Semana de Laudato si' é promovida pelo Dicastério para o Serviço do Desenvolvimento Humano Integral e guiada por um grupo de parceiros católicos, conseguindo congregar mais de 2 mil pessoas que se comprometeram a participar nesta Semana Laudato si' e noutras iniciativas locais.

Assim, no âmbito da temática da Encíclica Laudato si', somos chamados a reflectir, uma vez mais, sobre que mundo, que planeta pretendemos deixar aos jovens e crianças que serão o futuro de amanhã.

Com esta semana, o Papa, à semelhança do que fez na sua Encíclica em 2015, renova o seu “apelo urgente a fim de responder à crise ecológica, ao grito da terra e ao grito dos pobres que não podem mais esperar”, desafiando-nos a cuidar da criação enquanto “presente do nosso bom Deus criador”.

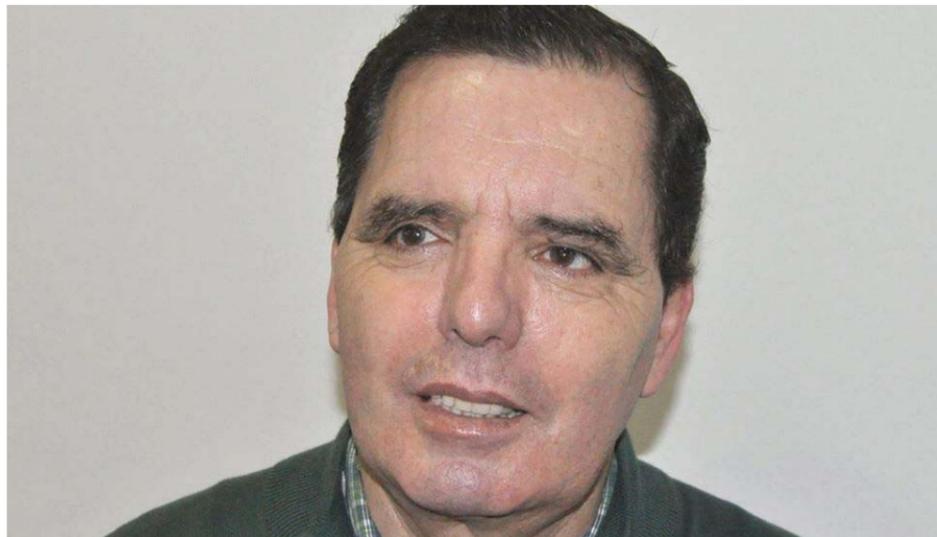
Neste ano, em especial, e atendendo à pandemia que todo o mundo enfrenta, os ensinamentos da Encíclica Laudati si' ganham ainda mais relevância e actualidade, sobretudo na visão que a mesma oferece para a construção de um mundo mais justo e sustentável.

Fonte. vaticannews.va

POR CÁ

A força da Comunicação Social no Dia das Comunicações Sociais

Da Castanheira às Laranjeiras...



Recordo como se fosse hoje aquele dia em que me alertaram para a situação de uma mãe com três filhos pequenos que viviam num casebre no beco da Castanheira, onde a água da chuva se infiltrava e descia pelas paredes.

Em vários locais havia latas e velhos baldes onde caíam pingos de água a partir do tecto. O Director Gustavo Moura sempre foi muito sensível às questões da pobreza e a minha reportagem no dia seguinte foi manchete no jornal.

Neste dia choveu torrencialmente, e uma parte do tecto do casebre caiu. Voltei lá e estive com a família, tentei falar, sem conseguir, com o presidente da Câmara de Ponta Delgada. E mais

uma vez Gustavo Moura foi sensível à situação. O título de destaque a toda a largura da primeira página do jornal foi “caiu o tecto da casa da Castanheira”. Sei que o presidente da Câmara de então telefonou todo zangado ao Director do jornal a insurgir-se contra mim e terá levado uma resposta que não gostou. E o facto é que, neste mesmo dia, o autarca atribuiu uma casa à família da senhora e dos três filhos no bairro das Laranjeiras. E, claro, na edição seguinte do jornal, a manchete foi mesmo: “Família da Castanheira com Lar no bairro das Laranjeiras”.

Enquanto vida tiver, nunca vou esquecer esta série de três reportagens



nem o olhar do filho mais velho da senhora quando um dia me cruzei, inesperadamente, com ele, numa rua de Ponta Delgada. E nunca mais os vi!

Voando sobre um porta-aviões

O Director Gustavo Moura marcou, indelevelmente, a minha aptidão para o jornalismo. Ele tinha uma dimensão social em Ponta Delgada sem igual. Era privilegiada a sua relação com o consulado americano e vivíamos, anualmente, o ‘4 de Julho’ nas instalações consulares fosse qual fosse o cônsul.

E surgiu o dia em que o consulado dirigiu um convite para o jornal se fa-

zer representar numa operação militar a bordo de um dos maiores porta-aviões americanos que navegava ao largo de São Miguel a caminho do Médio Oriente. Eu, Alvaro Monjardino e o cônsul de então embarcamos num avião militar americano no aeroporto de Ponta Delgada e voamos em direcção ao porta-aviões. Tinha o coração a bater forte e não me saía da cabeça o momento em que o avião iria aterrar. Mas, obviamente, tinha aprendido a disfarçar todas estas emoções.

De um momento para o outro, deixámos de voar para começar a navegar. Visitámos a sala de operações do ‘grande navio’. E vimos os aviões F-15 da Força Aérea dos EUA a aterrar e a levantar voo a poucos metros do mar. Tinha levado a velha máquina fotográfica do jornal ainda com rolos que se revelavam no Nóbrega. Procurava estar o mais próximo possível dos F-15 e, quando passei para além da linha, senti uma mão forte sobre o ombro. E também não esqueço, ainda hoje, o olhar simpático do militar americano a dar-me a entender que estava a pisar o risco.

Claro que o título da reportagem, com grande destaque de primeira página, foi: “Voando sobre um porta-aviões”.

Era Gustavo Moura o Director...

João Paz

Sub-Director do Correio dos Açores

ENTRE NÓS...

Ser Cristão também é estar em perfeita harmonia com o ambiente



Deus é como a brisa, não se vê mas sente-se. Se é nas pequenas coisas que vemos e sentimos Deus, também o é nas grandes. Ao ver a perfeição de uma onda no mar azul ou um raio de luz a sair de uma nuvem ou o esplendor da paisagem da Lagoa do Fogo, pensamos: “é Deus”, “isto é fruto do Amor de Deus por nós”. Por isso, acredito que Deus e a Natureza estão intrinsecamente ligados e que a Natureza é a obra mais pura e bela que Deus criou. Acredito que apreciar, passear,

cuidar e encontrar-se na Natureza é uma forma de louvar a Deus, assim como nos ensinou São Francisco de Assis, um homem de paz, dedicado aos pobres e amante da criação divina. E não é à toa que o nosso querido Papa Francisco tem uma atenção tão especial com o meio ambiente. Inspirado por São Francisco de Assis, o Papa Francisco trouxe à Igreja um olhar atento do Mundo como um todo. Com sua simplicidade, leva-nos a pensar na Terra como a nossa casa; casa essa que temos que cuidar, estimar e proteger. O Papa Francisco alerta-nos para exploração irresponsável dos recursos, que tanto desequilibra o meio ambiente e a vida humana. Alerta-nos para falta de conceção homem/criação e o desequilíbrio espiritual que advém daí, e, pela primeira vez na Igreja, surge o termo “teologia da ecologia”. A encíclica do Papa Francisco “LAUDATO SI” (Louvado sejas), que faz agora cinco anos, reúne uma série de questões como o uso indevido da água, a diminuição da biodiversidade, a alteração climática e a deterioração da qualidade de vida humana. Esta encíclica tem como objetivo guiarnos num caminho de reflexão consciente, para alterarmos o nosso comportamento e começarmos a viver com plena consciência e harmonia com o Mundo.

Algumas passagens bíblicas contam que Jesus costumava apreciar a natureza: caminhava ao longo do mar da Galileia, subia a montanhas, meditava e rezava no deserto e em jardins. Nas suas parábolas e

ensinamentos, Jesus referia muitas vezes os campos, o céu e as suas belas aves, as sementes e árvores. Do mesmo modo que nos pede para nos amarmos uns aos outros, Jesus também nos ensina que ser cristão é viver em harmonia com o que nos rodeia.

Vivemos tempos diferentes. Tempos de isolamento e confinamento, que limitou muitos de nós às paredes das nossas casas. Este tempo de afastamento social, também poderá ter levado a um afastamento da Natureza. Fomos impedidos de sair, de passear à beira mar, de fazer trilhos e piqueniques nos parques. Se calhar, tivemos oportunidade para pensar e refletir na falta que sentimos da nossa liberdade e tomamos consciência de como somos privilegiados em viver num pequeno Paraíso da Terra. Com o desconfinamento, vem a vontade de ver, tocar e ter tudo, mas que esta vontade seja acompanhada pelo compromisso de cuidar do que é de todos nós, a “Mãe Terra”. Vamos tratar a “Mãe Terra” como tratamos a nossa mãe: vamos ouvir o que ela tem a dizer, vamos ajudar a minimizar o impacto ambiental e, acima de tudo, vamos respeitá-la.

Vivamos o Dom da Vida ao máximo, tendo como um dos objetivos reduzir a nossa pegada ambiental. E, que no final da nossa vida, possamos dizer que deixamos o Mundo um pouquinho melhor e que na Terra deixamos apenas pegadas na areia.

Maria Anjo